

Informe

informe@ofluminense.com.br

Incentivo para soluções de energia

Cinco projetos de todo o país de empresas emergentes, micro e pequenas empresas foram aprovados para aceleração tecnológica e de negócios pelo Programa Lab Procel, criado pela Eletrobras e Firjan Senai. Cada projeto receberá o investimento médio de R\$ 800 mil para desenvolver trabalhos referentes à digitalização do Selo Procel e de dispositivos e sistemas computacionais para gestão remota e em tempo real do consumo energético. É a segunda chamada para a aceleração de soluções inovadoras em eficiência energética do programa, com aplicações nos setores residencial, comercial, industrial, de serviços e setor público, além do Selo Procel.



Agência Brasil

Programa Lab Procel, da Eletrobras, Firjan Senai, selecionou 5 projetos

Adoção: mais de 5 mil disponíveis Acolhimento é temporário

Nesta semana do Dia da Criança e a expectativa de milhares de meninos e meninas em todo país é ter uma família. Dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), indicam que mais de 30 mil crianças e adolescentes estão em situação de acolhimento em mais 4.533 unidades em todo o país. Deste total, 5.154 mil estão aptas a serem adotadas.

Uma criança ou adolescente pode receber a medida protetiva de acolhimento institucional ao se detectar uma situação de risco, negligência, abandono, maus-tratos, entre outras violações de direitos. A medida tem caráter temporário, até o retorno da acolhida, por adoção ou reintegração familiar, considerando o interesse da criança e do adolescente.

A doença mais desafiadora

“Endocardite, a doença desafiadora dos dias atuais” será o tema da próxima Live do Complexo Hospitalar de Niterói (CHN), no dia 15 de outubro. Com palestra do doutor Claudio Tinoco, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) e moderação da doutora Katia Luz, cardiologista do CHN, o encontro é aberto ao público, a partir das 19h30, através do Instagram (@chniteroi).

Fogo é extinto nos Veadeiros

O incêndio na região da Chapada dos Veadeiros foi extinto. As queimadas duraram duas semanas e a estimativa é de que 75 mil hectares tenham sido destruídos. O fogo foi contido pelos Bombeiros de Goiás, com apoio de brigadistas do ICMBio e voluntários. A chuva que caiu na região no último fim de semana também ajudou a conter as chamas.

Salles celebra fim do incêndio

No Twitter, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, postou um vídeo anunciando o fim do incêndio e no qual a equipe do ICMBio é aplaudida pela realização do trabalho. No sábado, ele havia sobrevoado a área da Chapada dos Veadeiros para verificar o trabalho de combate aos incêndios na região.

C-19: Huap faz balanço

No dia 26 de fevereiro, o Ministério da Saúde divulgou o primeiro diagnóstico positivo de Covid-19 no país. Causada por um novo coronavírus, a doença, ainda pouco conhecida, trouxe grandes desafios para o sistema de saúde. No caso do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP), o primeiro atendimento ocorreu em 13 de março. Após seis meses, completados no último domingo, o número chegou a cerca de 380. Além disso, a unidade disponibilizou 31 leitos e contratou mais de 300 profissionais temporários para apoio ao enfrentamento.

Lições que ficam

Segundo o superintendente do Huap, Tarcisio Rivello, a estratégia adotada foi de buscar informações com outros hospitais da rede, além de constituir um grupo de crise com reuniões cotidianas, às vezes duas por dia, com diversos setores envolvidos. O chefe da UTI de covid-19, Tulio Possati de Souza, reforça que “o aprendizado tem sido contínuo e o trabalho árduo. Comemoramos vitórias, mas também aprendemos muito com as derrotas. Nosso trabalho continua, com empenho e engajamento da nossa equipe multidisciplinar e de retaguarda. Vamos em frente, aprendendo com a doença e aprendendo com os pacientes”.

Estado do Rio se aproxima de 20 mil óbitos pela covid-19

Boletim divulgado ontem aponta para 283.858 casos do novo coronavírus

O boletim divulgado ontem pela Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro informou que o estado até o momento registra 283.858 casos confirmados e 19.312 óbitos por covid-19 desde o início da pandemia.

Ainda de acordo com a pasta, existem 374 óbitos em investigação e outras 2.135 mortes que foram descartadas.

Entre os casos confirmados, 260.083 pacientes já se recuperaram da doença.

A capital do estado contabiliza até este último boletim 111.255 casos confirmados da doença, se mantendo no topo das cidades que contam com o maior número de confirmações da covid-19 desde o início da pandemia. O município do Rio de Janeiro chegou aos 11.406 óbitos por conta do coronavírus Sars-CoV-2, causador da covid-19.

Entre os municípios com maiores casos confirmados



Divulgação

Mais de 260 mil pessoas já se recuperaram da covid-19 no estado do Rio

do novo coronavírus, aparecem as cidades do Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Belford Roxo e Duque de Caxias, em sequência.

Mesmo sendo a segunda cidade com maior número de casos registrados da doença, com 14.206 casos, Niterói é apenas o sexto

Dados apontam Niterói como sexto município do estado do Rio com mais mortes por covid-19

município com mais mortes, totalizando 452 de acordo com o boletim estadual. Vale lembrar que de acordo com o boletim municipal, divulgado pela Prefeitura de Niterói, até o último domingo a cidade contabilizava 445 óbitos, 13.323 casos confirmados e 12.663 pacientes recuperados da doença.

Já São Gonçalo, terceiro município com mais casos confirmados do novo coronavírus, tem registrado de acordo com o boletim estadual 12.970 infectados e 739 óbitos por conta da covid-19.■

Crianças: falta de convívio é mais sentida pelos pequenos

Ensino remoto não incomoda tanto, mas ausência de professores e colegas, sim

A pequena Maria Beatriz Niederauer, 5 anos, teve que se adaptar a uma nova rotina, com aulas por vídeo, desde o início da pandemia de covid-19, em março deste ano. As idas à escola, com o encontro animado com os coleguinhas pela manhã, deram lugar às videoaulas e a novos hábitos para evitar a contaminação pelo novo coronavírus.

Ela aprendeu os cuidados que deve tomar, como usar máscara ao sair de casa, passar álcool em gel e lavar as mãos com frequência. Maria Beatriz conta que gosta das aulas remotas, mas sente falta do contato mais próximo com a professora e os colegas. “Estou gostando das aulas pelo computador. [Mas] eu prefiro a aula na escola porque dá pra abraçar a tia e encontrar os coleguinhas. Gosto das tarefas que eu acho muito fáceis e também da hora do parquinho”. E se alguém perguntar porque ela ainda não voltou para as aulas presenciais, a resposta está



Arquivo Pessoal

Maria Beatriz Pittaluga Niederauer precisou se adaptar ao 'novo normal' para prosseguir estudando em meio à pandemia

na ponta da língua: “Eu não voltei a ter aula na escola porque eu estou de quarentena do coronavírus”, diz.

Olívia Verdellio Lemos, 7 anos, também entende porque passou meses longe da escola, estudando em casa. Ela retornou às aulas presenciais em setembro. “Já voltei para as aulas presen-

ciais. Eu não gosto das aulas online porque fico longe da professora. Não dá pra abraçar”, conta. Ela explica quais cuidados têm que tomar na escola: “Tem que passar álcool em gel e usar máscara. Depois do lanche tem que colocar outra máscara”.

Lucas Gabriel dos Reis Cerqueira, 11 anos, diz que

as aulas remotas “não são tão ruins”. “Mas não são as melhores do mundo porque não têm contato com as pessoas para conversar cara a cara”, afirma. Ele diz que o coronavírus “pode ser perigoso” e também sabe os cuidados que deve tomar: “passar álcool, manter distância” entre as pessoas.■

MUNDO

Covid: em tabela de risco, vale bom senso

Com os números de casos e mortes ainda crescendo em todo o mundo e a dificuldade de manter a população em isolamento social, um novo estudo tenta ajudar as pessoas a avaliar o risco de cada situação. Pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), nos Estados Unidos, criaram uma tabela que considera fatores como o uso de máscaras, o tempo de contato com outras pessoas, a ventilação do local, a quantidade de pessoas e até o que elas estão fazendo — falar, cantar, gritar ou permanecer em silêncio.

“O risco de infecção é determinado por muitos fatores, e todos eles estão conectados”, disse à BBC News Brasil Lydia Bourouiba, diretora do Laboratório de dinâmica de

fluidos na transmissão de doenças do MIT e uma das autoras do estudo.

“Ainda não há nenhum estudo que determine o risco absoluto de cada atividade, mas, com essa tabela, queremos que as pessoas saibam avaliar o risco relativo de cada situação. Assim elas podem se adaptar.”

Por exemplo, se o evento ao qual você foi convidado é um karaokê, em uma sala fechada onde as pessoas estarão gritando e cantando, o melhor a fazer é certificar-se de que poucas pessoas estarão presentes, e ficar o mínimo de tempo possível. Sem esquecer de usar a máscara.

Ou simplesmente sugerir uma reunião com os mesmos amigos em um local aberto, onde seja possível manter uma distância maior e sem música alta — para que não seja necessário gritar.■

Sars-Cov-2: replicar para enfraquecer

Até o momento, nenhum tratamento se mostrou totalmente eficaz contra o Sars-Cov-2, o vírus que causa a covid-19. E alguns cientistas se perguntam se outra estratégia poderia ser aplicada: usar as próprias armas do vírus contra ele. Uma das táticas do Sars-Cov-2 para derrotar o sistema imunológico é se replicar rapidamente, mas nisso também existe um ponto fraco. Conforme o vírus se replica, ele acumula mutações. Assim, seria possível combatê-lo acelerando essas mutações e fazendo com que o vírus “sofresse mutação mortal”, em um processo que os cientistas chamam de “mutagênese letal”?

Medicamentos que causam mutagênese letal já foram testadas contra outros vírus. A grande questão é se esse mesmo mecanismo poderia ser eficaz contra o

novo coronavírus. O vírus que causa a covid-19 é um vírus de RNA, ou seja, o material genético dentro é ácido ribonucleico, em vez de DNA (ácido desoxirribonucleico).

Vírus de RNA, como os da gripe, ebola ou covid-19, entre outros, consistem basicamente em uma mensagem escrita em RNA rodeada por proteínas.

Essa mensagem está escrita em quatro letras, “a”, “g”, “c”, “u”. Cada uma delas representa um composto químico ou nucleotídeo, e a ordem desses compostos, como a ordem das letras em uma palavra, determina qual mensagem é transmitida.

No caso de um vírus, a ordem das letras contém as instruções para o vírus se replicar. E, ao se replicar, os vírus geram mutações ou erros na sequência das letras.■